REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

21.º Anno — XXI Volume — N.º 711

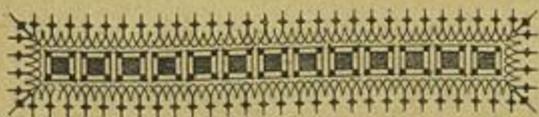
30 DE SETEMBRO DE 1898

**Redacção — Atelier de gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. A IMPERATRIZ ISABEL D'AUSTRIA — MORTA EM GENEBRA NO DIA 10 DO CORRENTE

## CHRONICA OCCIDENTAL

Está reunido em Lisboa o quinto congresso internacional da imprensa, cuja sessão inaugural se realisou na passada segunda feira, no edificio da Sociedade de Geographia, presidindo El-Rei, o sr. D. Carlos.

Grande quantidade de typos exoticos passeiam pelas ruas attrahindo as vistas, uns de grandes cabelleiras, outros com fatos excentricos, estes de casaca, sem paletot, mas de chapéo de chuva debaixo do braço, aquelles de gravata branca e chapéo de palha. Entre elles bastantes nomes illustres e acompanhando-os algumas damas formosas.

Deveria este congresso ter-se realisado durante as festas do centenario da India, de cujo programma chegou a fazer parte. Assim fôra decidido em Stockolmo, na sessão de assembléa geral realisada na capital da Suecia, em junho do anno passado. Motivos poderosos obrigaram a adiar esta reunião de membros da imprensa de todos os paizes, e pena foi que tantos estrangeiros não pudessem admirar Lisboa em epoca menos tristonha do que esta que vai correndo.

Nem o sol tem querido tomar parte nos festejos, este sol de outomno sempre tão lindo, que era a melhor coisa que cá tinhamos para offerecer a esses homens, pela maior parte nascidos entre as brumas pesadas dos paizes do norte.

O sol, que pouco se importa com a imprensa, enroscou-se nas nuvens do sudoeste e tem deitado cá para baixo cada aguaceiro bem preciso, que tem sido um louvar a Deus. De vez em quando, espreita, sorri-se um bocadinho com ar de troça e logo começa outra vez a embrulhar-se e a embrulhar-se, que parece que está a tiritar com frio.

Entre tanto os congressistas vão cumprindo o programma, não deixando de dar os passeios annunciados.

A' sessão de abertura assistiram todos os altos funccionarios do estado e um numero consideravel de jornalistas e homens de letras de todos os paizes civilisados.

Era deslumbrante o aspecto da grande sala *Portugal*.

Eram pouco mais de quatro horas quando El-Rei, ao som do hymno real executado pela orchestra, deu entrada no edificio da Sociedade de Geographia. El-Rei acompanhado pela Senhora D. Amelia subiu ao estrado e deu a palavra ao presidente do congresso, sr. Wilhem Singer, director do *Newen Wiener Tagblatt*, de Vienna d'Austria.

O distincto jornalista occupava a mesma mesa, onde na vespera o notavel homem de letras francez, Maurice Gaudolfe, fizera a conferencia sobre Alphonse Daudet.

O Sr. Singer começou o seu discurso agradecendo a presença de Suas Magestades. Referiu-se depois aos graves receios que haviam surgido sobre a viabilidade d'aquella empresa que tentavam. Fôra preciso pôr de parte todos os fermentos de divisão. Ennumerando alguns d'elles, mostrou como todos se haviam desfeito e disse como Lamartine: —«Somos uma conjuração dos corações e temos um processo infallivel para alcançarmos o triumpho; é a amizade.» Terminou dando um viva a Sua Magestade.

O sr. D. Carlos respondeu em breves palavras, ainda quando soavam na sala os vivas com que todos corresponderam aos do sr. Singer.

Disse El-Rei: — «Abri, ha pouco, n'este mesmo local, o congresso de medicina; abro agora o da imprensa. Isto honra-me e regosija-me, porque se aquelle procurava tratar do corpo, vem este agora tratar do espirito.» Fez depois o elogio da imprensa e a apologia do congresso e declarou aberta a sessão.

O sr. conselheiro Antonio Ennes apresentou ao sr. D. Carlos os srs. Singer, Claretie, Bataille, Beraza, Taunay e muitos outros dos nossos mais illustres visitantes.

A' noite uma bategа d'agua não afugentou o grande numero de curiosos que se apinhavam na praça do Pelourinho anciosos por ver o trabalho dos nossos bombeiros n'um simulacro de incendio, espectaculo com que a camara municipal de Lisboa brindou os nossos hospedes, á falta de tragedias nos nossos theatros.

A festa que se realisou no edificio dos paços do conselho foi esplendida. Poucos seriam os jornalistas que a ella faltassem. A escada e as salas estavam maravilhosamente ornamentadas. A sala de recepção era no salão das sessões da camara, onde existe um dos mais bellos quadros do grande pintor portuguez Miguel Angelo Lupi.

O saráu começou ás dez horas. Tocavam em differentes salas uma orchestra dirigida pelo maestro Felippe Duarte e as bandas dos bombeiros e da guarda municipal.

No simulacro de incendio não faltaram apitos afflictivos, nem pessoas salvas, nem agua a valer nas bombas.

O material era servido por quarenta bombeiros e cento e sessenta conductores.

O que foi devéras, devéras a valer, foi uma sopaparia entre policias e alguns bombeiros voluntarios que quizeram entrar na representação, apesar das ordens em contrario que a policia havia recebido. Parece ter sido coisa de pouca monta.

Uma festa magnifica foi essa da camara municipal, excellentes todos os vinhos portuguezes.

Passeios e toiradas e um espectaculo no theatro D. Amelia com o *Commissario de Policia* do nosso querido e chorado Gervasio tambem formaram parte do programma das festas

Cintra vestiu a sua capa de nevoas, uma ou outra vez doiradas por algum raio fugitivo de sol, e assim embrulhada no seu manto real recebeu seus hospedes maravilhados. Lá subiram por aquellas ladeiras em lacetes até ao alto da Pena, d'onde se avistam, quando ameaça chuva, as Berlengas, nodoa escura que, no longe horizonte, parece alastrar-se no céo. Saudaram-os as arvores velhas onde os fetos crescem sobre camadas doces de musgo, os velhos ulmeiros onde as heras se enroscam, os riachos cantantes, os penedos na frescura humida das parietarias, as urzes, as rosas silvestres, os pinheiros que gemem e os perfumes que sorriem. Cintra não esquece, fica na lembrança como um sonho bom.

Devem de Portugal levar saudades os que nos vieram honrar agora. Bellas coisas viram, lindas paizagens, ruinas pittorescas, esperanças que temos no futuro, bellas memorias do passado.

Sahindo o Tejo, quando se dirigiram a Cascaes, alguem lhes haveria de explicar o que significavam aquellas pedras rendilhadas, aquelle poema de marmore, que se chama os Jeronymos, aquelle encanto, hoje barbaramente, estupidamente sujo pelo fumo d'uma fabrica, destacando as suas ameias no fundo negro d'um gazometro, e que é a Torre de Belem. Alguem lhes explicaria o que tudo aquillo significa e como no silencio da noite cantam aos sonhadores estrophes tão bellas como as dos Luziadas.

Quando seguiam por esse Ribatejo fóra, caminho de Thomar, e viram na moldura dos vidros das carruagens esses campos extensos, que o Tejo fecunda, alguem lhes diria tambem que esperanças fundamos na nossa lavoira e nosso trabalho.

Digam depois aos seus se Portugal é um paiz moribundo, se está para morrer quem tão forte já se mostrou, quem dentro em si tem tantos e taes elementos de vida.

Vieram os congressistas em má epoca, na mais triste na capital. Felizmente esta animou-se algum tanto com a chegada d'elles, que aliás de pouco tempo dispõem para lhe observar o aspecto melancolico, tornado em soturno pelo céo carregado de nuvens.

Se não fossem essas festas extraordinarias em honra d'elles organisadas, que lhes dariamos? Poucos theatros, os banhos pela manhã em Algés e Pedroiços, um capilé no Rocio e um tiro ao alvo na feira de Belem. Seria pouco.

Um dos congressistas um francez, anda furioso com a nossa lingua Diz que é uma enfiada de trapalhadas:

— Au thé ils appellent *chá*; au chat ils appellent *gatô*; au gateau ils appellent *boiô!*

O que vale é que, se elles nos não entendem a nós, a maior parte dos portuguezes são insignes em todas as linguas e falam francez como o celebre *Frère du Seigneur des Pas de la Plaisanterie*, o que quer dizer, para os que não entendam francez, Irmão do Senhor dos Passos da Graça. Tanto assim é que, ha dias, no Gremio, um dos congressistas, tendo dado uns dois ou tres conselhos seguidos, estando de mirone a ver jogar um collega portuguez, este disse lhe enfastiado: *Oh celui, prendrais je que me laissasses*, e o francez percebeu logo que elle lhe queria dizer: O' aquelle tomára que me deixasses.

*João da Camara.*

## A IMPERATRIZ ISABEL

A noticia do crime praticado por Luccheni, na Suissa, espalhou-se rapidamente em todo o mundo, e produziu como era natural a indignação de toda a gente contra o cobarde assassino.

É doloroso assistir a estas scenas de sangue, n'um seculo em que os espiritos mais nobres e elevados vão procurando descobrir os segredos scientificos de que possam derivar meios praticos de prolongar a existencia das gerações humanas, afastando quanto possivel as causas de morte.

Ao passo que, d'um lado o genio do bem opéra maravilhas, accentua se por outra parte a acção infamante do vicio pela fecundidade extraordinaria do delicto.

Imperam duas correntes antagonicas na evolução politica das sociedades hodiernas, a honestidade e o egoismo sordidamente interesseiro.

As classes dirigentes, compostas na sua maioria, de individuos que se deixam levar por esta ultima corrente, irritam mais ainda do que satisfazem os desejos e as aspirações mais ou menos fundados da multidão ignorante, e, comtudo, embriagada pela palavra artificiosa dos agitadores da praça publica e pelas doutrinas seductoras de certos clubs que as leis condemnam com justiça indiscutivel.

D'este modo, torna-se quasi uma utopia a pretensão de estabelecer o equilibrio social, e ficam até certo ponto impotentes todos os systemas repressivos e todos os codigos criminaes.

Duas das consequencias gravissimas que resultam fatalmente de semelhante estado de cousas, são a lucta dos descontentes que lavra em todos os paizes, e a repetição frequente dos grandes attentados.

Aquelle a que n'este momento me reporto, chega a parecer a expressão final no cumprimento d'um plano diabolico, e faz brotar a crença de que a mão que assim pôde ferir uma mulher inoffensiva era impellida e dirigida por espiritos infernaes.

Nenhum motivo, da parte da princeza de Baviera, esposa do imperador Francisco José, agora viuvo, poderia fazer suggerir odios e rancores contra a sua pessoa, alheia totalmente á vida politica da nação austriaca.

A biographia de Isabel traça se em muito poucas linhas: uma mulher altamente collocada pelas condições do berço e pela qualidade do esposo, só rainha pela singularidade das suas inclinações, pela despretenciosa compostura do seu todo e pelos sentimentos magnanimos do seu coração.

Isto mesmo se deduz dos telegrammas que narraram as occorrencias que tiveram logar por occasião da transferencia do cadaver da desditosa Isabel, de Genebra para Vienna.

Na realidade, se a imperatriz não houvesse conquistado as sympathias do seu povo, por actos dignos de elogio, apesar do modo tragico como succumbiu, não iriam com lagrimas nos olhos testemunhar a sua magua profunda á passagem do feretro massas compactas de individuos de todas as camadas sociaes, e de todos os sexos e edades.

A Italia collaborou mais uma vez para a obra vil d'uma execução nefanda, inconsciente do acto que fôra urdido nas trevas e sem consciencia do crime abominavel.

É porém sina triste a de fornecer assassinos a todos os miseraveis do mundo, que desde o momento em que assentam na condemnação de al guem, pensam logo no punhal dos italianos, na firmeza do seu pulso e na certeza do golpe.

Antes de ir mais adeante, devo dizer n'este logar. que admiro e estimo tanto a terra italiana, berço de geniaes crystallizações da idéa e mestra sublime da arte, quanto acho repellentes estes monstros da humanidade, que teem sahido do seu seio para flagello ignominioso das familias e deshonra da patria em que nasceram.

Todavia, nem os paes, nem os filhos adultos são mutuamente responsaveis pelos seus desvarios e pelas acções criminosas em que tomam parte; e a coincidencia de terem sido italianos os auctores de muitos attentados celebres, nada prova em desabono do paiz em que viram a luz tantos vultos proeminentes nas altas virtudes da santidade. Vê-se, não obstante todas as considerações, que existem n'aquella peninsula historica do Mediterraneo, focos secretos de fermentação anarchica, de onde partem, como obedecendo a uma palavra de ordem, sicarios famosos e incorrigiveis.

São verdadeiras hordas de bandidos que infestam á maneira de praga damninha as regiões que preferem para assentamento dos seus arraiaes, e que consideram como gloria maxima encontrar o cadafalso no termo da sua carreira funesta.

Mais do que nunca impõe-se presentemente aos governos cultos o dever civico de adoptarem medidas sensatas de administração, que constituam pelo seu caracter barreira segura contra os arrebatamentos dos exaltados.

Se não é facil evitar em absoluto os motivos originarios das guerras, contendo cada nacionalidade nos limites do justo e do Direito, não ha certamente difficuldade insanavel em chegar a accôrdo no que respeita á segurança pessoal dos chefes de Estado.

Ninguem pode adivinhar a hora precisa em que ha de ser commettido um crime, mas com boa vontade, moral inconcussa e policia educada, seriam impedidas as tragedias mais pungentes.

Os inimigos da ordem, que hoje innegavelmente abundam em numero assustador, não são todavia os unicos culpados da sua situação desesperada; ha desleixo de homens publicos e erros partidarios que provocam reacções estupidas, sanccionando abusos.

A organisação d'um corpo internacional, cujos membros convenientemente instruidos no conhecimento das linguas vivas, fossem munidos dos respectivos bilhetes de identidade, bastaria em concurso com os proprios depositarios do poder nos diversos paizes, empenhados por seu turno n'uma campanha tenaz contra a immoralidade, bastaria, digo, a obstar ás anomalias homicidas dos sectarios do roubo e da destruição.

Os instrumentos de supplicio e a severidade das leis, não desviam qualquer fanatico do seu proposito inconfessavel, nem assustam nas suas reuniões os que se apresentam como suppostos vingadores de ultrajes sociaes.

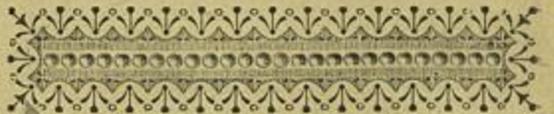
Muitas vezes o apparato da força e o espectaculo sinistro da execução de sentenças capitaes, predispõem á rebellião declarada e a vingança cruel

A unica regra logica na justiça, de que é licito esperar a transformação individual e a concomitante modificação moral das collectividades, consiste na coherencia e equidade administrativa, na resistencia absoluta a todos os incentivos venaes, e muito principalmente no valor intrinseco do merito em conjugação perfeita com o impolluto da dignidade austera e intelligente.

Até ao dia em que os politicos se convençam emfim de que todas as reformas devem ter inicio em suas proprias pessoas, continuará o globo terraqueo a ser theatro de conflictos irreparaveis, e o sangue de muitas victimas innocentes salpicará de mancha indelevel as faces cynicas de milhares de hypocritas.

Ao menos, fique por agora, aos desolados que soffrem, a certeza espiritual de que existe um Deus poderoso, julgador imparcial dos Luccheni como de quantos contribuem para o apparecimento de taes creaturas hediondas.

As arbitrariedades iniquas da auctoridade, são em toda a parte a semente perniciosa de que promana o crime e o contagio epidemico que não respeita os modelos de honestidade e de amor conjugal, embora elles se chamem Isabel, de Baviera, imperatriz da Austria!

*D. Francisco de Noronha.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### EXPOSIÇÃO D'ARTE

*Batalha naval de Diu — A batalha dos Rumes*

Quadro do sr. João Dantas

O assumpto da gravura de pag. 220 é a celebre batalha dos Rumes, de que o sr. João Dantas compôs o seu bello quadro exposto na Exposição d'Arte que o *Gremio Artistico* realisou para commemorar o centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India.

Este quadro é dos melhores, que na sua especialidade, temos visto de pintor portuguez.

O assumpto grandioso inspirou o artista e só é pena que tantos e tantos feitos da marinha portugueza só sejam conhecidos dos leitores das antigas chronicas, ignorando a maior parte do publico esses feitos gloriosos, pela falta de livros populares que vulgarisem a nossa epopea maritima, e de artistas que com o lapis ou com o pincel, façam reviver na gravura ou no quadro essas scenas brilhantes que constituem uma das glorias d'este povo.

A batalha naval dos Rumes foi das mais extraordinarias e d'ella encontram os nossos leitores, em outro logar d'este n.º uma descripção que relata os seus promenores.

A PROVA DO VINHO NOVO

Outro quadro que tambem figurou na ultima Exposição d'Arte.

A apparição d'este quadro n'esta exposição foi uma justa homenagem ao artista que o compôs Manuel Maria Bordallo Pinheiro, que de ha muito deixou de pertencer ao numero dos vivos.

A arte portugueza deveu muito a este artista, que foi um dos seus mais devotados cultores e que mais a honrou com as delicadas e formosas composições do seu talento.

A *prova do vinho novo*, é um quadrinho que faz lembrar os primores de Meissonier, que Manuel Maria Bordallo Pinheiro seguia com vantagem e de que deixou um bom numero de quadros n'aquelle genero.

## BATALHA NAVAL DE DIU

*(Batalha dos Rumes)*

Ao encararmos o estado de decadencia e enfraquecimento a que Portugal ultimamente chegou, é grato volver os olhos ao passado, e retemperar nas paginas brilhantes da nossa gloriosa historia, o espirito abatido por tão triste derrocada. A importancia que possámos ter no presente vem-nos ainda do que fomos e do que fizemos n'outro tempo. Os enfraquecidos restos do que possuimos e do que conquistámos, são ainda hoje os documentos valiosos da nossa grandeza d'outr'ora. Compraz-se o espirito em recordar essa grandeza, e em avivar na memoria os feitos que illustraram o nosso nome e ennobreceram a nossa patria.

E recordar o passado é pensar no oriente; é transpôr a amplidão d'esses mares, então desconhecidos, seguindo os navegadores portuguezes nas suas arriscadas e gloriosas carreiras, e assistir com os heroes da India aos extraordinarios factos que constituem alguns dos mais brilhantes capitulos da epopéa nacional.

A começar com Vasco da Gama, o primeiro que aportou áquellas paragens, indo por caminhos ainda não percorridos, uma serie de notaveis luctadores se seguiram a implantar o nosso poderio na Asia. Principiámos a esboçar alli o nosso imperio por actos de notavel bravura. Pouco a pouco fomos ampliando, com perigosos trabalhos, os contornos anteriormente marcados; e porque precisavamos assentar em bases firmes esse nascente imperio, pensou D. Manuel, o afortunado rei que teve a gloria de se vêr rodeado de tantos homens de valor, em escolher de entre elles um, para desempenhar a ardua e difficil missão de administrar os territorios conquistados e castigar os inimigos que por todos os modos procuravam embaraçar o desenvolvimento do nosso poder e impedir o nosso estabelecimento no Oriente.

Recahindo a escolha em D. Francisco d'Almeida, mostrou D. Manuel conhecer e saber aproveitar as qualidades que recommendavam aquelle fidalgo para o bom desempenho do cargo que lhe ia ser commettido, e com o titulo de Vice-rei o mandou a firmar o nosso poder no Oriente, para onde partiu em 25 de março de 1505.

Energico, dotado de grandes talentos militares, com larga experiencia da guerra, era D. Francisco d'Almeida um consummado general. Resolvido a abater o poder dos mouros na Asia e a arrancar-lhes das mãos o valioso commercio que por seu intermedio se fazia para a Europa, é sobre elles que mais vigorosamente põe em acção o seu plano de ataque, estabelecendo para isso de preferencia a lucta no mar, onde os infieis ostentavam toda a sua força em poderosas armadas.

A sua obra tão fecunda como brilhante, deixou submissos os potentados que tentavam oppôr-se á realisação do seu plano. Onde chegava, se os naturaes lhe embaraçavam o trabalho ou procuravam impedir-lhe o passo, o castigo não se fazia esperar. Assim, a caminho da Asia, tomou Quiloa e apossou-se de Mombaça. Depois funda a fortaleza de Anchediva, derrota os arabes na batalha de Panderane, incendeia Dabul, e, em frente de Diu, fecha o cyclo das suas victorias desbaratando n'uma horrivel e desigual batalha a grande armada indo-musulmana.

É dos feitos mais brilhantes da nossa historia maritima esta batalha, e a mais brilhante da vida guerreira do grande capitão.

A fatal perda de seu filho, o moço e valoroso D. Lourenço, que tinha acompanhado seu pae ao Oriente, e foi morto n'um anterior combate naval contra os rumes, produziu no espirito do vice-rei tão vigorosa impressão, e abriu no seu coração chaga tão profunda, que desde aquelle triste e infeliz successo uma só idéa o preoccupava: — a de vingar a morte do filho, anniquilando a potente armada dos rumes, recuperando assim para o nome portuguez o prestigio enfraquecido por aquelle desastroso revez. Para isto se preparou, e n'esta ultima e gloriosa acção da sua vida, pôs toda a sua sciencia militar e todo o ardor do seu genio guerreiro.

Reune os poucos navios de que podia dispor, e a 12 de dezembro de 1508 partiu de Cananor a caminho de Diu em demanda da grande armada indo-musulmana, do commando do almirante egypcio Mir-Hocem, que n'aquelle porto se achava em força superior a trezentas velas, entre ellas algumas náus poderosas e preparadas por tal forma que parecia coisa impossivel poderem receber damno. [1]

Contáva a esquadra portugueza não mais de vinte e um navios, o maximo numero que marcam os nossos chronistas e historiadores. [2]

Bem poucos eram com effeito para empresa tão levantada como aquella que iam emprehender, e só a confiança no proprio valor e a fé na justiça da sua causa, podiam levar esse punhado de valentes a combater, com tão escassos recursos, os potentes e numerosos navios dos rumes.

Chegado á vista de Diu e resolvido a atacar sem demora a armada inimiga, conferenceia D. Francisco com os capitães das suas náus para accordarem no plano de ataque e communicar-lhes as suas ordens.

Foi na manhã do dia 3 de fevereiro de 1509 que os poucos navios portuguezes, enfeitados de bandeiras e galhardetes, tangendo as suas guarnições as trombetas e atabales, como que mostrando ser inteira a confiança que depositavam no feliz resultado da lucta que iam travar e profundo convencimento da sua victoria, seguiram ao ataque pela forma ordenada pelo vice-rei.

A narração minuciosa d'essa encarniçada e desegual batalha feita pelos nossos chronistas e historiadores, gera a admiração e desperta o enthusiasmo, enchendo nos de justificado orgulho por tantos e tão arriscados actos de valor alli praticados pelos portuguezes.

Travou-se tremenda lucta descarregando os nossos toda a artilharia, envolvendo em espessas nuvens de fumo os navios amigos e inimigos. Responderam os mouros á aggressão com egual presteza, sustentando vivo fogo, ajudados pelas baterias de terra, á sombra das quaes se conservavam como valioso soccorro que não dispensavam para mais rapido anniquilamento das nossas forças navaes. Seguiram ávante os nossos com denodado arrojo por entre aquella fumarada, para o ataque por abordagem, e cada nau e cada caravella procura um navio inimigo sem lhe medir o tamanho nem calcular as forças. Aferram-se os navios, e dentro de cada um trava-se a lucta corpo a corpo. Não contam os portuguezes o numero dos inimigos que atacam. Quanto mais numerosos são, maior é o empenho em os vencer. Succumbem muitos dos nossos, mas são dizimadas as guarnições dos navios mouros pelo valor dos portuguezes. É abordada a nau almirante inimiga pela nau *Santo Espirito*. Nuno Vaz Pereira, o valoroso capitão, lança-lhe dentro um troço de gente que elle proprio seguiu. Por seu turno um galeão dos rumes aferra a nau de Nuno Vaz pelo outro bordo, ficando assim este navio entalado entre dois navios inimigos. A este maior perigo respondem os nossos com maior esforço na peleja. Nuno Vaz é morto com uma frechada na garganta; mas a nau de Mir-Hocem foi tomada e o almirante, já ferido, procura a salvação no esquife da sua nau, para onde saltou a occultas, fugindo para terra. [1]

Posto que todos os navios estavam juntos, o fogo da artilharia não cessava de ambos os lados e o fumo era tanto que, diz Gaspar Correa, *escureceu a claridade do sol e as gentes não se viam uns aos outros*. [2] Muitos dos mouros, quando os seus navios eram abordados pelos navios portuguezes, procuravam fugir á morte, atirando-se ao mar para, nadando, alcançarem a terra; mas os nossos, prevendo esta resolução, andavam nos bateis acabando com aquelles que, por saberem nadar, já se julgavam escapos.

Afundam-se muitos dos navios inimigos feridos pela nossas balas; outros estavam em poder dos portuguezes, que á custa de muito sangue se tinham d'elles apoderado; a fustalha tinha fugido buscando abrigo á sombra das baterias de terra, para assim escaparem; só uma nau de Melique Yaz, rajah de Diu, notavel pela sua grandeza, quantidade de artilharia que a guarnecia e pela forma por que estava preparada, resistia a todo o ataque. Com o costado forrado e fechada por cima com grossos couros, era impraticavel a entrada a não ser pelas acanhadas portinholas, unicas aberturas por onde se poderia atacal-a, mas que era inutil tentar transpor, porque não podendo a gente entral-as senão a um e um, seriam todos sacrificados sem vantagem nem resultado apreciavel. [1]. As tentativas dos portuguezes para abordal-a eram pois inuteis, e tinham sempre de retirar mal feridos. Resolveu-se perseguil-a com o aturado fogo de artilheria, mas tão forte era o reforço applicado ao seu costado que, dizem os chronistas, *assim como lhe os pilouros davam, assim tornavam para traz*, [2] e o navio respondia ao fogo que lhe faziam sem se render. Era porém necessario aniquilar tão poderoso inimigo; e D. Francisco d'Almeida, que a tudo attende e tudo observa, vendo aquella lucta desesperada, vem soccorrer com a artilharia da sua nau os navios portuguezes avariados do fogo que recebiam, e approximando-se da nao de Melique Yaz, — conta Faria e Sousa [3] — descarregou sobre ella toda a sua artilharia. Repetiram-se as descargas, e tão vigorosas ellas foram que conseguiram abrir rombo na parte mais vulneravel do costado da inimiga que os indios não puderam tapar, e em pouco o extraordinario navio se submergia.

Com o desapparecimento do maior e mais forte navio da sua armada, depois de destruidos ou tomados muitos outros, entre elles a nau do seu almirante, conheceram os rumes que não podiam proseguir na lucta e procuraram na fuga a salvação do resto da sua potente mas destroçada armada.

Estava ganha a grande batalha e completa a victoria dos portuguezes, não sem perda de muitas vidas e muito sangue derramado, mas com a gloria de terem praticado um dos maiores feitos navaes que a historia nacional aponta.

E D. Francisco d'Almeida que, mezes antes, ao receber a noticia de ter sido morto seu filho por uma bala dos rumes exclamára, alanceado pela dôr: *quem o frangão comeo, hade comer o galo, ou pagalo* [4] cumpriu a promessa. Os rumes pagaram caro o arrojo de se medirem com os portuguezes.

*J. D.*

---

[1] Barros — «Dec. 2.ª Liv. 3.º Cap. 5.º.»

[2] Discordam os nossos chronistas sobre a quantidade e qualidade dos navios que acompanhavam o vice-rei para a batalha dos rumes. João de Barros «Dec. 2.ª Liv. 3.º Cap. 3.º» diz que D. Francisco d'Almeida levava dezenove navios, mas enumera vinte: — «seis naos grossas, seis navios redondos, cinco caravellas latinas, duas galés e um bergantim.» Castanheda «Hist. do desc. e conq. da India. Liv. 2.º Cap. XCV» afirma que a armada portugueza se compunha de «cinco naos grossas, quatro navios de gavea, quatro caravellas redondas, duas caravellas latinas, duas galés e um bergantim,» sommando todos dezoito navios. — Damião de Goes «Chron. de EL-Rei D. Manoel Part. II Cap. XXXVIII» conta dezenove navios na esquadra do vice-rei, sendo «seis naos grossas, quatro navios de gavea, seis caravellas, duas galés e um bergantim.» — Gaspar Correa «Lend. da Ind. T. I. part II Cap. III pag. 924» dá á esquadra portugueza vinte e uma velas, mas indica apenas dezesete: — «doze navios de gavea, Frol de la mar, Belem, Sant-Espriti, Taforea grande, Taforea pequena, Rey grande; estes seis eram navios grandes, e mais pequenos, Rey pequeno, Rosa, Andorinha, Sant Antonio, caravella,» «outra caravella, galé, outra galé, caravellão, outro caravellão, e um bergantim».

[1] Barros. «Dec. II. Liv. III cap. VI. — Damião de Gões. Chron. d'El-Rei D. Manuel part. II. cap. XXXX.» Faria e Sousa. «Asia Portugueza T. I. part. II. capit III.» Gaspar Corrêa. «Lendas da India.» T. I part II. cap. IV. pag. 945,» diz que o capitão dos Rumes se salvou a nado. — Castanheda, «Hist. do desc. e conq. da India, Liv. II cap. C.» diz que «foy rendida a não de Miroce cõ a mór parte da sua gente morta & a outra se lançou ao mar, e ele tambem muyto ferido.»

[2] «Lendas da India — T. I. art. II. cap. IV. pag. 941.»

[1] Barros. «Dec II. Liv. III. cap. V.» — Castanheda «Hist. do desc. e conq da India. Liv. II cap. C.» Damião de Goes. «Chro. d'El Rei D. Manuel part. II cap. XXXX.

[2] Damião de Goes, «Chronica d'El-Rei D. Manuel par. II cap. XXXIX. — Gaspar Correa. — «Lendas da India» T. I. part. II. cap. IV. pag. 946 diz que os «nossos pelouros lhe nom chegavão senão tão fracos que nom lhe faziam dano.

[3] «Azia Port.» — T. I. part. II — cap. III.

[4] Gaspar Corrêa — «Lendas da India» T. I. — part. II. cap. XVII — pag. 775.

## CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO D'ARTE — Batalha naval de Diu — A batalha dos Rumes — *Quadro do sr. J. Dantas*

## O MAU OLHADO DE FUAS MAIA

—

(Continuado no numero anterior)

Ahi mais abaixo, onde o rio faz um cotovello, existia uma velha azenha chamada «do Sobreiral» porque, logo a seguir, na encosta se extendia um grande montado.

Foi contra as adufas d'esta azenha que os dois cortiços esbarraram na manhã do dia seguinte.

«Queres tu ver, mulher,» disse o moleiro quando ia a abril-as para a roda começar o seu trabalho; «queres tu ver que bellos cortiços a agua nos trouxe esta noite?»

«Ai, que riqueza! E eu sem saber onde havia de guardar aquellas nozes que trouxe o filho da Zepha!

d'elle puxavam tambem. A mais... a mais...

Estavam roxos, os corpos esticados, os pregos dos sapatos fincados na terra.

Lá no fundo, chegadinhos ás adufas, os cortiços bailavam á tona d'agua, mas a respeito de subir, nem uma polegada.

A final sentaram-se os tres, limpando o suor da testa.

«*Carêdo!*»

«Ahi vem o home da tia Rita que é valentão. Eh! home!»

O homem approximou-se.

«Deus te salve!» disse o moleiro; e contou-lhe a historia

«Tira-os d'ahi, se fores capáz. Parecem de chumbo!»

«Vamos a ver isso!» respondeu elle.

Arregaçou as mangas, cuspiu nas mãos e amar-

«Querem vocês saber «gritou elle aos outros» «Estes trambolhos são fechados de ambos os lados com tampas pregadas!»

«Essa agora!» exclamou o Zeferino.

«Vamos a puxar, vamos a puxar!» disse a moleira que já não podia ter-se de curiosa.

Agarraram-se á corda e, depois de muitos esforços, lá conseguiram afinal içar as duas bisarmas.

E começaram «Traz, traz,» cada qual de sua banda a batucar até os cortiços se esbandalharem

Então, á vista dos homens embasbacados, appareceram dois frades gordissimos, feitos n'um feixe, e com as barrigas inchadas da agua que haviam bebido á força. Tinham a bocca aberta e estavam frios e roxos...

«E esta!...» murmurou o moleiro todo desconsolado.

## CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

EXPOSIÇÃO D'ARTE — A PROVA DO VINHO NOVO — *Quadro de M. M. Bordallo Pinheiro*

«Vai buscar uma corda para a gente os içar,

A mulher partiu correndo e d'ahi a nada voltava com uma grande corda.

O moleiro deitou-a á agua, deu-lhe uns nós, lá prendeu os cortiços e começou a puxar... a puxar...

«Co'a bréca! estes demonios teem dentro o quer que é! Vem cá ajudar, mulher!»

Ella veiu e enrolou a corda nos braços queimados e musculosos.

«O'... ó... iça! O'... ó... iça!...»

E os cortiços... era o mesmo que nada.

«Talvez tenham dinheiro...»

«Cala-te» respondeu o homem já de mau humor. «Vai chamar o Zeferino que anda acolá a roçar o matto.»

O Zeferino veiu logo.

«Ajuda aqui, Zeferino!»

«O quê?! só dois cortiços!... Pois vocemecês não tiveram alma de os tirar para fóra!! uma coisa tão leve...»

Deitou mãos á corda; os outros dois, por traz

rou a corda á roda de si. Depois, com toda a força:

«Upa... upa... Arriba!»

Os outros ajudavam-n'o. Os musculos dos braços do homem retezaram como cordas de navio.

A' flôr da agua, os cortiços boiavam. E o tempo ia passando; e as adufas não se podiam abrir com aquelles tropeços alli.

N'isto um cachopo que andava a guardar ovelhas do lado de lá, chegou-se á beira do rio para ver o que era aquillo.

«Homes!» disse elle, Vomecês não fazem nada emquanto um se não metter n'agua para empurrar os cortiços para riba. E ponham uma taboa ahi onde a corda faz força, porque assim a terra não a deixa girar».

Olharam uns para os outros.

«O rapaz tem razão», disse o homem da tia Rita.

Então puseram a taboa como o pastor dissera; o moleiro desceu a vereda e metteu-se á agua. Examinou os cortiços.

«Olhe que elles ainda vivem», disse o Zeferino que se curvára sobre os frades

«Vamos leval-os para o moinho e depois eu vou á villa chamar o physico» tornou o moleiro. «Pobres homens! Quem lhes pregaria esta peça?»

«Isto foi de certo um grande crime!» exclamou a mulher.

Levaram os infelizes para uma casa onde guardavam saccos com farinha e extenderam-n'os no chão.

O Zeferino e o homem da tia Rita voltaram aos seus trabalhos e o moleiro partiu para a villa, deixando a mulher encarregada de tomar conta do moinho e de tratar dos frades. Mas como, por mais que a moleira fizesse, elles não voltavam a si, ella imaginou que estavam mortos e teve medo. Foi-se para a azenha muito depressa e não tornou mais ao pé dos afogados.

Por volta das seis horas da tarde, frei Damião suspirou. A's seis e meia, frei Balthazar tossiu e mexeu um braço. A's sete horas sentaram-se ambos no chão com umas caras espantadas e depois começou a conversa.

«Bons dias, frei Balthazar, como tendes passado?»

«Menos mal, frei Damião, e como vai a vossa saude?»

«Assim, assim... frei Balthazar. Mas podia estar peor.»

«Podeis dar-me alguma noticia do logar onde estamos?»

«Nada vos posso dizer, frei Balthazar, senão que me parece estar sonhando.»

«Frei Damião, nós cahimos a um rio, não é verdade?»

«Assim me parece, irmão, pela agua que sinto nas tripas.»

Calaram-se um boccado pasmados para a quantidade de sacos que os rodeavam.

De repente frei Balthazar empallideceu.

«Frei Damião, veiu-me agora a ideia de que estamos talvez prisioneiros do Fuas e que de um momento para o outro elle nos vem matar.»

«Frei Balthazar! oh! frei Balthazar!...»

«O máu olhado, o máu olhado! Que destino!...»

N'isto sentiram-se passos e vozes que se approximavam da porta:

«É elle! é elle! Escondamo-nos, seja onde fôr!»

Havia n'um canto alguns sacos quasi vazios. N'um abrir e fechar d'olhos metteram-se n'elles e enroscaram-se tratando de fazer as costas muito redondas para imitar assim melhor o volume dos outros sacos.

Abriu-se a porta.

«Ahi estão elles, senhor. Mas quer-me parecer que já não precisam dos vossos cuidados, infelizmente!» disse o moleiro.

«Vamos a ver, vamos a ver... Eu sempre trouxe um ferrinho para lhes abrir uma veia se fosse necessario...» respondeu o physico.

A mulher foi descerrar o postigo.

«Mas onde estão elles?»

«Onde estarão?»

«Sumiram-se...»

«Pelo postigo não podia ser, porque eram gordos como toneis.»

«Pela porta tambem não que estava fechada por fóra.»

Os tres olharam-se abysmados.

«Então...»

O physico levou os moleiros até á porta e disse mysteriosamente.

«Ouvi dizer que andavam almas penadas por estes sitios. Quem sabe?...»

Sahiram. A mulher foi acompanhar o physico até á rua; mas o moleiro que era desconfiado, pensou:

«Nada... não tivessem as almas cá ficado mettidas na minha farinha e m'a vão tornar ruim. Vou dar uma tosa mestra em todos os sacos para elles de cá sahirem.»

E pé ante pé foi a um canto buscar um cacete todo cheio de nós

Os frades, como não sentissem mais barulho, deitaram com muito cuidado as cabeças de fóra. E realmente, aquelles carões cobertos de farinha, os olhos esbogalhados pelo terror, e illuminados pela luz frouxa de um triste pôr do sol, mettiam medo.

O moleiro gritou:

«Lá estão ellas! Lá estão ellas!»

E brandindo o cacete adeantou-se para o canto onde estavam os desgraçados tolhidos de susto.

Zás! Páz! Catrapaz! Traz!... Só parou quando de todo já não podia mais. Então sahiu, satisfeito, deixando a porta aberta.

Veio a noite. Levantou-se a lua e os dois frades não tinham ainda bulido.

Afinal o frei Damião gemeu:

«Estaes vivo, frei Balthazar?»

«Irmão, sois vós que me estaes falando ou a vossa alma?»

«Sou eu, frei Balthazar.»

«Louvado seja Deus! não morremos d'esta!»

Escutaram em silencio mais um pedaço, e, como não sentissem o menor ruido, sahiram dos sacos e começaram a puxar os braços e as pernas um ao outro a vêr se tinham algum membro partido. Depois espreguiçaram-se de todas as maneiras e feitios porque estavam com o corpo dorido e dormente das pancadas.

«Estou com uma fome!...» disse o frei Damião esfregando o estomago com ambas as mãos.

«Mas nós não podemos ficar aqui eternamente,» suspirou o frei Balthazar.

Foram até á janella. O luar illuminava a roda e as adufas e o riosinho muito sereno. Na encosta extendiam-se as grandes sombras dos sobreiros gigantes. O ceu estava semeado de estrellas. Fazia um frio!...

«Jesus! que fome!» gemiam os dois prisioneiros.

«A porta está aberta,» disse o frei Balthazar. «Se nós fossemos muito de vagarinho por este corredor fóra, talvez conseguissemos fugir.»

«Oh! não... não... frei Balthazar! Se nos apanham dão cabo de nós!»

«Mas ficando aqui, arriscamo-nos a morrer de fome.»

Isto convenceu o frei Damião e pozeram-se então a deliberar como havia de ser a fugida

Combinaram ir de joelhos e levar dois sacos vazios para no caso de encontrar alguem, os enfiar pela cabeça abaixo e fingir assim uma carregação de farinha esquecida no corredor.

E com mil cuidados lá emprehenderam a façanha.

A essa hora os moleiros dormiam a somno solto convencidos de que as almas tinham abalado já com a pancadaria. Por isso os frades conseguiram chegar sãos e salvos á porta da rua que abriram sem barulho apezar do medo que os fazia tremer como varas verdes.

Quando se viram fóra largaram os sacos e ficaram um momento perplexos, sem saber o que haviam de fazer.

«E agora, frei Balthazar?»

«Agora vamos para debaixo d'esse arvoredo esperar a manhã. Assim que apparecer o sol mettemo-nos na estrada. Não sei bem onde estamos, mas parece-me que perto d'aqui ha de haver uma parada onde iremos almoçar.»

«E se nós almoçassemos já?» lembrou o frei Damião.

«Isso não póde ser. Eu não sei bem o caminho e de noite perdia-me logo.»

Embrenharam-se no sobreiral emquanto poderam andar; depois, esfalfados, sentaram-se no chão.

«Ora agora,» disse o frei Balthazar muito contente esfregando as mãos, «agora sempre quero ver se alguem é capaz de nos vir aqui desencantar!»

«É verdade. N'este mattagal, com as arvores tão grandes nem o demo dava comnosco se andasse á nossa procura! Pois, se não fosse a barriguinha dar horas, não podiamos estar melhor. Ainda que o frio...»

«A proposito, frei Damião, aquelle homem que nos deu uma sova tão valente não era o Fuas.»

«Quem seria?»

«E porque nos bateu elle se não lhe fizemos mal?»

«O mau olhado ainda, irmão!»

«E agora me lembro que elle gritou: «Cá estão ellas!» *Ellas?!* O que queria elle dizer?»

«Se nós tivessemos dito que não eramos *ellas*, talvez elle não nos batesse, frei Damião.»

«D'estas coisas que só lembram depois...»

Calaram-se e chegaram-se um para o outro para se aquecerem. Mas d'ahi a bocado o frei Balthazar que estava desassocegado exclamou:

«Haveis de acreditar, frei Damião, que me afflige e rala a ideia de que nos tomaram por mulheres. *Ellas!*... Ora não ha! Dois freires de Alcobaça!...»

«Isso ainda é o mau olhado, frei Balthazar!»

«Talvez... Mas sempre custa *Ellas!*...»

Calaram-se outra vez.

«E se nós dormissemos?» disse d'alli a um instante o frei Damião.»

«É uma bôa ideia!»

Encolheram os pés para baixo dos habitos, encaixaram os capuzes até ao nariz e encostaram a cabeça á raiz de um velho sobreiro.

«Bôa noite, frei Damião»

«Bôa noite, frei Balthazar,» e accrescentou. «Ora... aqui tão bem abrigadinhos, se nos acontecer alguma, muito me hei de espantar!»

Dormiram uma hora.

De repente acordaram sobresaltados.

«O que é isto, frei Balthazar?»

«É um grande tropel de cavallos, frei Damião.»

«De cavallos fugidos?»

«Não. De cavallos... com gente armada que bem sinto agora o barulho de ferros.»

«Será comnosco, frei Balthazar? E eu que tinha a certeza de que ninguem nos descobria aqui!»

«Decerto é comnosco, frei Damião. O máu olhado...»

«E não ha tempo de fugir... O que se ha de fazer?»

«Este sobreiro tem as ramadas baixas; trepamos por ellas. Não nos procuram tão alto com certeza.»

Abraçaram-se á arvore e trataram de marinhar. Mas eram gordos e não tinham forças nos musculos e volta e meia cahiam no chão sentados.

Afinal cruzaram os braços e voltaram-se um para o outro muito afflictos.

«E agora?...»

N'isto o frei Damião teve uma ideia.

«Sentae-vos na minha cabeça, frei Balthazar.»

«Homem! para quê?»

«Não ha tempo para explicações, irmão.»

O frei Damião poz-se de cocoras e o frei Balthazar sentou-se-lhe na cabeça. Elle então, pouco a pouco, e agarrando-se á arvore foi-se endireitando até ficar de pé.

«Bella ideia, sim senhor!» exclamou o mais velho, installando-se n'um tronco que lhe ficava á mesma altura.

«E agora vós, frei Damião?»

«Dae-me as mãos.»

O outro assim fez e depois de grande trabalho conseguiu içar o pobre frei Damião que, apesar do frio, suava em bica.

Durante este tempo os cavalleiros approximavam-se. Já se distinguiam vagamente algumas vozes e o tilintar das armas.

«É preciso subir mais, frei Balthazar, estamos ainda muito em baixo.»

De tronco em tronco e com immensa difficuldade lá foram subindo subindo. Afinal cada um se sentou no seu ramo.

«E agora, frei Damião, por Deus, nem mais uma palavra!»

O clarão dos archotes illuminava já o arvoredo proximo. Ouviam-se distinctamente algumas gargalhadas brutaes, pragas e a espaços o relinchar dos cavallos.

Adeantavam-se rapidamente.

Chegados ao sobreiro onde estavam empoleirados os frades, um dos cavalleiros gritou: «Alto!» e todos pararam. No meio de grande vozearia, descavalgaram e peiaram os animaes; accenderam-se fogueiras.

Alguns tiraram dos alforges, embornaes com cevada para as bestas e ataram-lh'os ao focinho; outros pozeram-se a assar, espetada em chuços, uma grande vitella já esfolada que desprenderam da garupa de um dos cavallos.

Então, á claridade vermelha do lume e dos archotes, os frades poderam perceber que tropa era aquella tão alegre e desordenada.

Vinte e tantos homens queimados do sol e cobertos de lama; uns vestidos de loudeis acolchoados de coiros, outros de grandes tabardos que lhes escondiam em parte os gibões de côres vistosas e variadas. Todos armados; á cinta, enfiados em largas correias, punhaes, adagas, e espadas que reluziam.

Pelo chão, arcabuzes e chuços.

«Salteadores...» pensaram os frades de si para si. «Convem mais do que nunca estarmos calados e quietos.»

Não se enganavam.

Emquanto a vitella se assava, um dos homens (o mais bem vestido, que trazia gibão bordado a prata e gorra de velludo com pluma) chamou um companheiro e perguntou-lhe:

«Como ganhaste o teu dia, Caracol?»

«Na estrada onde me deixaste com cinco homens. Assaltámos uma carabana de mercadores; mas eram muitos e bem armados. Só tres nos ficaram nas unhas.»

«E esses?»

«Deixamol-os ir depois de lhes tirar o melhor: duas mulas carregadas de peças de panno e isto.»

E mostrou ao que parecia chefe algumas moedas de oiro e prata e um collar.

«Ainda assim» accrescentou elle rindo «não escapei sem que um dos meus homens levasse uma arcabuzada que o estiraçou. Veiu em braços. O raio do mercador tinha boa pontaria!»

A este tempo o fumo appetitoso do guizado subia entre as folhas do sobreiro e chegava aos narizes dos frades que não comiam desde a vespera.

«Ai, que bom!» pensavam elles lambendo os beiços.

E debruçavam-se com as ventas abertas...

Os ladrões continuaram a rir e a chalacear. Entretanto a ceia aprompou-se; rodearam todos a vitella e entraram de cortar a carne em pedaços enormes que devoravam á mão com um appetite desesperado.

Então circularam odres e chifres cheios de vinho carrascão que veiu augmentar ainda o barulho e a alegria brutal dos bandidos.

Mas no melhor da festa, um d'elles, levantando-se, foi buscar a arma que encostára a um tronco.

«Que vos parece este arcabuz?» perguntou elle aos companheiros».

«É o que apanhei hoje; e ainda o não experimentei.»

«Homem! pois experimenta o agora!» respondeu o Caracol.

«Olha, alli vejo eu n'aquelle sobreiro o que quer que é escuro — alguma pernada mais grossa — atira-lhe.»

(Continúa) Gi.

## OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XXIV

A ordem foi obedecida anciosa e immediatamente.

Appareceu Tranquilina á janella e repetiu o conselho do esposo.

— Como vae? — gritou este.

— Abriu os olhos — respondeu o Romulo.

— Abriu os olhos — repetiu a Tranquilina ao invisivel marido, e desappareceu.

Pouco depois, encostado ao hombro do Joaquim e ao de sua mulher, tropego e sem assômos de solemnidade doutoral, chegava o doutor Roque em pessoa.

— Pois levantou-se? — ponderou o Romulo.

— Assim parece — replicou o incorregivel resmungão.

Com uma affabilidade, porem, que os seus achaques lhe não concediam muito a meude, accrescentou, mansamente:

— Não se trata agora de mim, a minha gôta não tem pressa.

E abandonando o hombro do Joaquim, abriu os olhos ao Frederico e apertou-lhe o nariz entre os dêdos.

Momentos depois o Frederico abria a bôcca.

— Respira! — exclamou o doutor. — Está salvo! Continuem a esfregar lhe o peito com a neve; não tenham medo de o constipar; se apanhar um rheumatismo, é pouco para o que merece

O Joaquim, o Romulo e o Enéas redobráram as esfregações, alegres, porém, d'esta vez, até que o doutor, retirando e levándo a mulher e a filha, disse:

— Basta!

— Basta! — repetiu, porque o Joaquim, que chegára depois, prolongava com fervor magno as fricções; — transportem-n'o lá para cima, mettam-n'o na cama, abram as janellas, e assim que possa engulir alguma coisa, dêem-lhe a beber agua quente... por ora, mais nada...

Terminára a sua missão; podiam agora os seus achaques de novo atormental-o, e como podeis figurar-vos, abusaram. Confiára o doutor demasiadamente nas proprias forças, debilitadas pela sangria e sentiu-se desfallecer; fez, porém, um esforço e volvendo olhar expressivo ao azul do firmamento, recolheu ao seu quarto, amparádo pelo Joaquim e a Tranquilina, entretanto que o Romulo e o Enéas transportavam o asphyxiado para o seu.

A Amalia ficou só, immovel, espraiando o olhar vago pela ampla extensão de neve que fulgia sob os raios do matutino sol; de uma aldeia visinha, da outra banda do lago, chegava o toque de um sino, annunciando que ia haver uma festa. Que festa?

E tentando fixar por instantes o pensamento, para responder á pergunta, viu, como se fôra em sonhos, a fachada de uma egrejinha, enfeitada de damasco vermelho, e pelo caminho, juncado de verdura, a multidão ociosa, alégre ou indifferente, e viu que de cada janella pendia um arraz desbotado, um arraz ou uma colxa, e ouviu a vozearia dos vendedores de comesaina, a tagarelice das meninas do logar, a chiada dos pequenitos espantados com o estampido dos foguetes.. e alegrou-se por ter despertado d'aquelle sonho e achar-se longe do burburinho de festa que não podia ser a do seu coração.

Ergueu depois o olhar para a janella do quarto do Frederico, que o Romulo, n'aquelle mesmo instante, abria.

— Está melhor — disse este, — suppondo responder a uma pergunta da joven.

— Está melhor — repetiu a Amalia e affastou-se a passo vagaroso sem reparar para onde ia; a breves passos tropeçou em alguma coisa e olhou para o chão: era um dos carvões que haviam cahido: apanhou-o, estava quente ainda; mais alguns tinham rebollado pela mesa e aberto uma cova; um pouco mais adeante a Amalia apanhou do chão o fogareiro e collocou-o no peitoril da janella; depois, assomou-se á porta; depois, entrou no aposento, sentou-se no banquinho que estava ao pé da poltrona de ródas, e olhando em redor, murmurou:

— «Quiz morrer!».

As pedras vermelhas estavam todas alinhadas, alli, na melhor ordem, e muitas tinham letreiro que indicava o terreno d'onde provinham e o dia em que tinham sido encontradas.

Pelos vidros partidos da janella entrou curioso um passarinho; tambem elle, esvoaçando e pousando, parecia perguntar o motivo de semelhante desordem.

«Quiz morrer, o Frederico.» — respondeu-lhe a Amalia, por pensamentos; — a sua amáda, indifferente, estava aqui e não lhe dirigiu uma palavra sequer para o impedir. A pobresinha, porem, não tem culpa; é muda.»

— Quem? — perguntou o passarito.

«A sciencia».

E o alado interlocutor como já soubesse o bastante, ergueu o vôo e lá se foi transmittir a noticia a outros companheiros, menos atrevidos, que tinham ficado á espera nas arvores mais proximas.

A Amalia, pendida a cabeça sobre o peito, recordava-se das palavras do Frederico: Matam-se aquelles que tiveram um formoso sonho e que acordam: eu jamais sonho...»

E comtudo, sonhára; o quê? Se tinha pedido a morte aos proprios carvões que lhe prometiam o perdido bem estar, que sonhára elle, então?

Quando ergueu o melancolico semblante, viu uma carta sobre um buffête, poz-se de pé e tomou-a: estava fechada e no sobrescripto lia-se: «*Ao engenheiro Enéas*».

De improviso, como se um halito poderoso lhe soprasse no cerebro, mil atomos de pensamentos principiaram a girar vertiginosamente; nada comprehendia, e não obstante, n'aquelle cahos, afigurava-se-lhe ter abérta ante os olhos aquella carta e lêr n'ella uma confissão, que éra ao mesmo tempo uma angustia e um extase:

«Esta carta devia ser aberta depois da sua morte» — pensou a Amalia: — vive, portanto é mister destruil'a — »

— Quiz juntar a acção á palavra; — porém, deteve-se.

«Ao engenheiro Enéas» — tornou a ler no sobrescripto, e accrescentou: é coisa que lhe diz respeito». Então, com o pensamento, foi ao encontro d'esse homem a quem havia dado palavra de casamento. Viu-se confusa, palida e tremula como se estivéra culpada, é ella jámais tivéra de que accusar-se; ao mesmo tempo, ouviu passos pela escada acima, aconselhou-a o instincto; atirou a carta para cima do buffête; transpoz a porta..» e encontrou-se frente a frente com o engenheiro.

O seu futuro esposo trazia ligada a mão direita; sorriu com ar melancolico; apertou-lhe a mão com a esquerda e disse:

— Vae melhor; não falla porque está envergonhado; vá vel-o; vá — que vae dar-lhe um alegrão.

A Amalia não se movia.

— Va... insistiu o Enéas.

— Vou — O senhor tambem se feriu?

— Oh! não é nada!

O engenheiro entrou no muzeu; não se moveu a joven: d'ali a instantes tornou aquelle a apparecer nos humbraes da porta; vinha em extremo pallido e lia a carta do Frederico; quando, porém, viu que a Amalia ainda alli estava, deu se pressa em esconder o papel.

— Tenho maus presentimentos — disse a Amalia, afim de facilitar ao Enéas o modo de melhor lhe mentir: — o papá não está bem e o senhor Frederico...

Travou-lhe do braço o engenheiro e com voz um tanto tremula, proferiu:

— Verá como a enganam os seus presentimentos, e que todos havemos de ser felizes.

E com delicada violencia impelliu-a pela escada e levou-a até á porta do quarto do Frederico,

— Entre — lhe disse: — é preciso envergonhál-o do que fez: será o unico modo de conseguir que volte a ter apêgo á vida.

Entrou a donzella e o engenheiro tornou a descer a escada.

(Continúa). *Pin-Sel.*

## A introducção do «podometro» em Portugal

E' grande a lista dos instrumentos que permittem avaliar o caminho percorrido por um homem, contando automaticamente os passos dados. O *odometro*, o *podometro*, etc. pertencem a esta serie. As gravuras que elucidam o presente artigo, emprestadas do grande tratado de Physica, quarta edição, do illustre professor sr. conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, representam claramente dois d'esses instrumentos.

O desenvolvimento dos diversos ramos do *sport* tem generalisado bastante o uso dos podometros. O *pedestrianismo* e as corridas de cyclos diversos, já em velodromos já em estradas reaes, tambem contribuem para o emprego mais largo de contadores das medidas itinerarias.

Consignando pois o desenvolvimento do *pedestrianismo*, logramos ensejo para dizer alguma cousa ácerca da introducção dos instrumentos referidos em Portugal.

Remontam a 1728 as primeiras indicações que que encontrámos sobre o assumpto. Folheando, no copioso archivo de manuscriptos do actual sr. conde de Tarouca, as collecções importantissimas das cartas particulares do primeiro marquez de Alegrete, camarista de D. João V, para seu irmão o conde de Tarouca, embaixador em Vienna por essa epoca, e as d'este illustre diplomata para o mesmo marquez de Alegrete, pudemos colligir alguns documentos ineditos, muito interessantes, referentes á introducção do podometro em Portugal.

Em data de 1 de maio de 1728, escrevia o conde de Tarouca a seu irmão:

«No mesmo ponto em que recebo a memoria que V. Ex.ª me remetteu, sobre um instrumento de medir caminhos, que el-rei me ordena que procure, entro a fazer vivamente a diligencia, e o que até agora tenho sabido é que esses taes instrumentos, de que se uza atando-os na cintura, são feitos em Inglaterra e não em Allemanha; porem um homem de grande habilidade, que havia n'esta terra e que morreu ha poucas semanas, inventou outro instrumento para aquelle effeito de medir caminhos, e se acabou agora o tal instrumento por ordem do Imperador.

«Este não tem a commodidade de se esconder na algibeira, porque é um bastão que se leva na mão, e no fim d'elle ha uma grande roda que tem mais de dois palmos de diametro. Eu o procurei logo hoje, e consegui vel-o e mandarei fazer outro igual para o serviço de el-rei. Irei continuando o exame e na posta futura informarei a V. Ex.ª».

Como se vê, este instrumento corresponde ao *contador de medidas itinerarias* representado na gravura n.º 1, cuja descripção scientifica o tratado de Physica referido acima nos dá muito lucidamente, nas seguintes linhas, do tomo I, pag. 114:

«Este instrumento consta de uma roda $R$ cujo eixo dá movimento de rotação por meio de uma engrenagem a um eixo contido longitudinalmente em um tûbo $T$: este eixo, por meio de um parafuso sem fim, faz mover uma roda dentada das engrenagens do contador $C$; se, por exemplo, a roda que engrena com o parafuso tiver 100 dentes, cada volta do parafuso, e portanto da roda $R$ faz passar um dente d'aquella roda, a qual fará pois uma volta em quanto a roda $R$ fizer 100; se aquella roda tiver um carrete fixo no seu eixo, com 10 dentes engrenando com outra roda de 100 dentes, fará esta segunda roda uma volta em quanto a primeira fizer 10, e em quanto a roda $R$ fizer mil, e assim sucessivamente; agulhas fixas aos eixos d'aquellas rodas indicam em um mostrador o numero de voltas da roda $R$ ou o numero de vezes a circumferencia d'esta roda que representa o caminho andado pela roda $R$ sobre a estrada, por isso que em cada volta esse caminho é egual á circumferencia da roda. Permitte este instrumento medir o comprimento das estradas com grande rapidez e commodidade; não ha mais que caminhar com elle ao longo da estrada, sempre no mesmo sentido e ler no contador o espaço andado.»

Em data de 8 de maio do mesmo anno o conde de Tarouca dá a noticia seguinte:

«Achei quem me fizesse o instrumento, que se ata á cintura para medir o caminho, contido na memoria, que V. S.ª me mandou por ordem d'el-rei.

«Dentro em vinte dias estará feito e o enviarei a Hollanda, para que alli o embarquem.

«Tambem se trabalha no outro instrumento similhante ao que se inventou agora, e se acabou por ordem do Imperador.

«Este se me não pode entregar antes de seis semanas, e então o remetterei.»

Egualmente, d'estas linhas se deduz que o instrumento pedido na memoria referida era o podometro, tal como hoje o conhecemos, e as gravuras n.ºs 2 e 3 representam externa e internamente, e cuja descripção minuciosa trasladâmos da obra já citada do sr. conselheiro Benevides.

O *podometro*, na sua forma de relogio de algibeira, «serve para medir o caminho percorrido por uma pessoa andando. Compõe-se de uma alavanca $AB$ movel em torno do eixo $A$ e tendo um peso $B$ na extremidade, que uma pequena mola mantem em equilibrio, mas que qualquer oscillação em um plano vertical faz cahir, descendo, e depois voltar á sua primitiva posição; um parafuso $V$ limita a amplitude das oscillações. Cada oscillação da alavanca dá movimento ás engrenagens de um contador que movem uma agulha em um mostrador graduado.

«Mettendo por exemplo o podometro na algi-

beira do collete, a cada passo que o individuo dá, a alavanca faz uma oscillação; portanto o instrumento conta o numero de passos feitos pelo caminhante. Em media cada passo equivale o$^m$,65; mas cada observador deve verificar o instrumento percorrendo uma distancia conhecida e vendo quanto elle marca para vêr se tem que fazer-lhe alguma correcção, por isso que nem todos os passos são eguaes.»

Voltando ao primeiro instrumento, o *contador* de medidas itinerarias, cujo fabrico o illustre embaixador portuguez em Vienna annunciava demorar umas seis semanas, encontra-se, inclusa na collecção referida das cartas particulares, a seguinte informação que acompanhou a Lisboa o instrumento. N'ella escrevia o conde de Tarouca ao marquez de Alegrete:

«V. S.ª me remetteu na primavera por ordem de S. Magestade uma memoria que continha o seguinte:

«Se ha de fazer a diligencia em Allemanha para achar um instrumento, que trazendo-se na cinta, serve para medir o espaço que se tem andado, pela conta dos passos. Compõe-se o dito instrumento de varias rodas com tres ou quatro ponteiros, para mostrar o numero dos ditos passos. Se se achar algum feito, ou se puder encommendar, se deseja um. Tambem se deseja saber se se inventou algum artificio para medir as legoas com uma carruagem por meio de umas rodas e ponteiros postos juntos dos eixos das rodas grandes da dita carruagem.»

«Então respondi a V. S.ª que similhantes instrumentos se não faziam ordinariamente aqui, mas que eu descobrira um homem que imitava mui bem os de Inglaterra, ao qual mandei fazer um que, atando-se á cintura, mede os passos.

«N'aquelle tempo tinha fallecido um allemão de grande habilidade, que inventou para o serviço do Imperador outro instrumento, mais incommodo por ser grande, o qual serve de medir as estradas por onde se caminha. O inventado para o Imperador tinha algumas imperfeições, que eu emendei no segundo, especialmente o de ser a roda demasiadamente grande, quando uma roda de menor diametro faz o mesmo effeito.

«Aquella dita primeira roda era excessiva, porque continha na circumferencia uma braça allemã, e como a medida de que nós usamos ordinariamente em Portugal são varas, mandei regular a circumferencia da tal roda, para que contivesse uma vara portugueza.

«Feitos os dois instrumentos, como o artifice me enganou ao tempo, por motivo da minha ausencia em Gratz, ainda sobre isso se dilataram em partir, porque os quiz entregar a quem visse aqui e explicasse ahi o modo de usar d'elles.

«Para este effeito os entreguei a André Schlemer, criado da Rainha Nossa Senhora, que partiu ha oito dias, e, como em leval-os se lhe accrescentava algum incommodo na carruagem, dei-lhe cincoenta florins, os quaes juntos a duzentos e oitenta e cinco, que custaram os instrumentos, fazem trezentos e cincoenta e seis cruzados, que importam cento e quarenta e dois mil e quatrocentos réis.

«De tudo isto dei hoje conta ao secretario de Estado, porque ainda que V. S.ª foi quem, por ordem de S. Magestade, me remetteu a memoria, era necessario escrever de officio ao dito ministro, para poder cobrar o dinheiro do custo.

«Como Sua Magestade tem tão bom gosto, tão superior e tão delicado, poderá reparar em não ser dourada a roda de latão no instrumento grande, e a razão d'isso é que, como a dita roda, ha de sujar-se sempre nas estradas, se fôr dourada não pode arear-se, e conservar o ouro, e assim andará mais limpa estando o latão em termos de arear-se.»

Por este interessante documento, se vêem, como decerto o leitor o notou, além d'outras cousas, as seguintes, que nos atrevemos a frisar:

Que então já era conhecida, ou pelo menos suspeitada, em Portugal, a existencia de varios instrumentos de medir caminhos. N'esta epoca as sciencias tiveram grande desenvolvimento, especialmente a geodesia, por causa da demarcação do Brazil, chegando a construir-se em Inglaterra e França para Portugal e por portuguezes grande numero de instrumentos de precisão;

Que o illustre conde de Tarouca, diplomata tão habil como litterato distincto, era tambem homem de sciencia; pois que a simples modificação feita por elle no tamanho da roda do contador

## A INTRODUCÇÃO DO «PODOMETRO EM PORTUGAL

Fig. 1 — Contador de medidas itinerarias

Fig 2 — Podometro (exterior) Fig. 3 — Podometro (interior

itinerario muito abona em favor do seu espirito illustrado.

Tambem não deve escapar a finissima ironia que revelam as palavras em que se referem ao *bom gosto* d'el-rei, quanto a não ser de ouro o instrumento enviado.

Na formosa pleiade de embaixadores que D. João V logrou ter nas principaes côrtes, que todos foram homens de grande envergadura, é justissimo distinguir a João Gomes da Silva, conde de Tarouca, porque lendo a sua correspondencia particular pudemos estudar-lhe a extranha energia, a alta integridade do seu caracter, e outros aprimorados dotes que o tornaram um diplomata querido nas côrtes onde residiu.

Fiquem, pois, aqui archivados despretenciosamente estes documentos relativos á introducção do podometro em Portugal, acompanhados da luminosa descripção e gravuras dos instrumentos do mesmo genero estudados na physica, e cuja cedencia muito agradecemos ao illustre professor sr. conselheiro Benevides.

*Esteves Pereira.*

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Versos** X, XI XII. — *Theatro* II, III, IV. *por Luiz A. Gonsalves de Freitas — Lisboa, 1898.*

O presente volume da collecção das composições litterarias do sr. Gonçalves de Freitas abraça os seguintes poemas: *Noite de Nupcias.* — *A' beira do Abysmo* e *Sob as cinzas*, tres encantadoras producções, que muito enaltecem o talento do fecundo escriptor. *Noite de Nupcias* será sempre o lindissimo *lever de rideau*, que tantos elogios e transcripções tem merecido. *A' Beira do Abysmo* e *Sob as Cinzas* acompanham muito bem aquelle gracioso poemeto.

**O Instituto.** *Revista scientifica e litteraria. Volume XLV. — N.º 1 a 6.*

Com os numeros presentes entrou no seu quadragesimo quinto volume o apreciado boletim do *Instituto* de Coimbra.

Como de costume, insere selecta collaboração, distinguindo-se as diversas composições recitadas no sarau litterario musical offerecido pelo *Instituto* aos alumnos laureados pela Universidade, no dia 8 de dezembro de 1897.

**Le monde moderne.** — *Paris. — Rue Saint-Benoit, n.º 5.*

O summario do ultimo numero recebido d'esta elegante e selecta revista é o seguinte:

La Chaconne, par Charles Foley. — Une Société de Charité, par Félix Sangnier. — Puvis de Chavannes, par Marius Vachon. — Les Cartes coloniales, par Lux — Henri Ibsen, par D.-E Matot. — L'Idylle de Polichinelle, par M.me Mathilde Serao — Le Palais de d'Élysée, par Pierre d'Ecolles. — Le Rôle des Microbes en agriculture, par Albert Larbalétrier. — Loches, par H. Faye. — Le Mouvement littéraire, par Léo Claretie — Causerie scientifique, par G. Mareschal. — Événements géographiques et coloniaux, par Gaston Rouvier. — Chronique théâtrale, par Maurice Lefevre. — La Musique, par Guillaume Danvers. — Memento encyclopédique — La Mode du mois, par Berthe de Présilly.

Alem de muitos outros artiguinhos sobre vida pratica, questões financeiras, cozinha, jogos, etc.

**Relatorio** *da direcção e parecer do Conselho da Sociedade Protectora das Cozinhas Economicas de Lisboa. — Lisboa — 1898.*

Temos presentes estes lucidos documentos relativos á gerencia de 1897, e pelos quaes se vêem os louvaveis esforços da benemerita sociedade protectora das cozinhas economicas, essa utilissima instituição, que tanto honra as illustres damas suas directoras.

## Almanach illustrado do «Occidente»

### Para 1899

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1899.

Recebem-se annuncios e encommendas.

Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis. Pelo correio 220 e 320 réis.